

quase surdos com a sua gritaria: “A Galegada! olhe a Galegada! 100 réis a Galegada! A Defesa dos Portugueses! 100 réis A Defesa dos Portugueses! A Gazeta de Notícias! 40 réis a Gazeta de Notícias! O Corsário, está bom o Corsário! Compre o Corsário! A Folha Nova, aí vai a Folha Nova! Compre a Folha Nova! Jornal do Comércio, 100 réis o Jornal! Cruzeiro, compre o Cruzeiro, 40 réis o Cruzeiro! A Propaganda! aí vai A Propaganda, etc.”⁽¹⁵⁵⁾. Agradando-se de D. Pedro II, Koseritz não compreendia a combatividade reformista da imprensa da Corte e sua aproximação com o gosto popular, caracterizada principalmente nas publicações ilustradas, cuja irreverência era notória. Já em 1859, entretanto, com a sua extraordinária sagacidade de observação e clareza de análise, Machado de Assis enunciava esta conceituação lapidar: “Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. (. . .) E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *statu quo*, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma coisa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda. Ora, a discussão, que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal, é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade. (. . .) Graças a Deus, se há alguma coisa a esperar é das inteligências proletárias, das classes ínfimas; das superiores, não. (. . .) Mas, não importa! eu não creio no destino individual, mas aceito o destino coletivo da humanidade”⁽¹⁵⁶⁾.

Ora, o que mais se fazia, naquela fase, era precisamente discutir, pôr em dúvida, analisar, combater. Combater a pretensa sacralidade das instituições: da escravidão, da monarquia, do latifúndio. E a imprensa tinha, realmente, em suas fileiras, grandes combatentes, figuras exemplares, como homens de jornal e como homens de inteligência ou de cultura.

(155) Carl von Koseritz: op. cit., págs. 52/53. Carl von Koseritz fundou, em 1851, em Pelotas, o *Brado do Sul*; fez jornalismo ali, no Rio Grande e em Porto Alegre; colaborou no *Jornal do Comércio*, no *Rio-Grandense* e na *Reforma*, na capital da província. Distinguiu-se particularmente pelos periódicos que fundou: a *Koseritz Deutscher Zeitung*, a *Gazeta de Porto Alegre* e o almanaque *Koseritz Deutscher Kalender* (1830-1890). Sua viagem ao Rio, em 1883, prendia-se ao desejo de incentivar a imigração germânica e o regime da pequena propriedade. “Nós declaramos guerra ao latifúndio — escreveu — e tentamos levar à vitória o sistema da pequena propriedade, com a introdução de colonos agrícolas. Os barões do café pretendem continuar a sua vida de vagabundos, e se esforçam por isto na procura de novos escravos, de cor amarela, em substituição aos antigos pretos. Em face da nova iniciativa, a grande imprensa (*Jornal do Comércio* e *Gazeta de Notícias*), manteve-se em atitude hostil, ou, mais exatamente, procurou matá-la pelo silêncio, enquanto recebia o mandarim chinês com vivo interesse e ativa publicidade. Mas é de se reconhecer que a pequena imprensa (*Gazeta da Tarde*, *Folha Nova*, *Brasil* e *Diário do Brasil*) mostrou-se a favor da nossa iniciativa e a ela se referiu simpaticamente”. (Op. cit., págs. 210/220).

(156) No *Espelho*, Rio, de 23 de outubro de 1859.